

DA TRADIÇÃO E DA ORIGINALIDADE: UMA ANÁLISE DO CONSERVADORISMO EM NIETZSCHE

Alexandre Bartilotti Machado¹
Márcia Maria da Silva Barreiros²

Resumo

Neste trabalho, pretendemos analisar de que forma se constrói o pensamento político conservador de Nietzsche, parte, talvez, menos estudada de sua obra. Para tal, expor-se-á um panorama histórico-filosófico em torno das bases fundamentais do pensamento conservador; após isso, enquanto fonte de análise focar-se-á num trecho do aforismo 260 presente na obra *Além do bem e do mal* (1886). Pretendemos, a partir disso, perceber, no fim, de que maneira Nietzsche vê o conservadorismo de seu século e que tipo de conservadorismo ele propõe em meio a isso. Objetivamos, assim, a partir dessa interconexão expor uma interpretação do conservadorismo nietzschiano de acordo com o conceito de “conservadorismo” presente na obra *Rationalism in Politics and Other Essays* (1962), de Oakeshott.

Palavras-chave: Nietzsche. Nietzscheianismo. Política. Aristocracia. Eterno retorno.

Recebido em 28 de abril de 2019 e aprovado para publicação em 26 de janeiro de 2021

¹ Graduando em Licenciatura em História pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Correio eletrônico: alexandrebmachado@yahoo.com.

² Pós-doutorado em História pela Universidade do Estado de São Paulo – USP. Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora (D.E.) Titular da Universidade do Estado da Bahia / UNEB. Correio eletrônico: mm.barreiros@yahoo.com.

Introdução

Trabalhar com Nietzsche certamente não é uma tarefa fácil, e dizemos isso não apenas porque seu pensamento se apresenta em fragmentos e, aparentemente, por vezes, autocontraditório; não, dizemos isso, também, por causa de todas as atenções ou desatenções que Nietzsche sofreu ao longo da história: por exemplo, no que diz respeito aos seus pensamentos acerca de política, somente Hitler (1889-1945) o levou a sério, e, mesmo assim, a partir de distorções do seu pensamento original, mediados *post mortem* por sua irmã Elizabeth Forster Nietzsche (1846-1935)³.

Sem dúvida, o tema da política é um dos temas menos visitados entre aqueles que refletem sobre o pensamento de Nietzsche. Mesmo seus primeiros comentadores mais sérios parecem se esquecer de disso, como Michel Foucault (1926-1984), Gilles Deleuze (1925-1995) e Jacques Derrida (1930-2004), preferindo à política sempre as problemáticas relacionadas à cultura, à verdade e ao devir⁴.

Contudo, na contemporaneidade, vemos sinais de um pensamento político delineado entre as dissertações e aforismos de nosso pensador em questão: sabemos de sua rejeição à Revolução Francesa, bem como a seus ideais; do mesmo modo, estamos cientes de sua desvalorização da democracia, do socialismo, e, no fim, de sua valorização do aristocratismo, o que nos faz pensar, como o faz Gonçalves,⁵ se não haveria, em Nietzsche, uma “veneração pela conservação dos estratos mais fixos da civilização humana”, ou seja, uma postura conservadora em termos filosóficos e políticos?

Metodologia

Este trabalho se trata de uma pesquisa documental porquanto usamos o aforismo 260 de *Para além do bem e do mal*,⁶ enquanto fonte histórica possível de análise.

Relacionar-se-á o citado aforismo à teoria do pensamento conservador, bem como ao pensamento do próprio alemão, buscando ver de que forma Nietzsche ressignificou o conservadorismo em seu texto, compondo, ao final, uma visão filosófica política diversa às demais de seu tempo.

³ Muitos dos escritos de Nietzsche tiveram seu sentido alterado após sua morte. Isso se deve à intervenção de sua irmã, após seu o retorno do Paraguai após uma tentativa frustrada de estabelecer uma colônia racista no mesmo. O primeiro volume de fragmentos póstumos editados pela irmã de Nietzsche é publicado com o nome de *Vontade de Poder* (1901). O livro foi um sucesso entre os amantes da doutrina fascista e iniciou uma fase errônea de associação do pensamento de Nietzsche com o totalitarismo alemão.

⁴ MARTON, S. *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 12-3.

⁵ GONÇALVES, V. Nietzsche: antimoderno, pós-moderno, moderno. *Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche*, v. 6, n. 2, p. 29-47. 2013, p. 33.

⁶ NIETZSCHE, F. _____. *Para além do bem e do mal, ou prelúdio a uma filosofia do futuro*. Curitiba: Hemus, 2001, p. 197-99.

O debate conceitual se centra no termo “conservador”, conforme proposto por Oakeshott, quando o mesmo expõe que:

Ser conservador, então, é preferir o familiar ao desconhecido, preferir o testado ao não testado, o fato ao mistério, o real ao possível, o limitado ao ilimitado, o próximo ao distante, o suficiente ao superabundante, o conveniente ao perfeito, o riso presente à felicidade utópica. Relacionamentos familiares e lealdades serão preferidas às seduções de mais rentáveis apegos; adquirir e aumentar será menos importante que manter, cultivar e aproveitar; o luto da perda será mais agudo que a excitação da novidade ou da promessa.⁷

Conservadorismo: breve panorama histórico-filosófico

Em nossa contemporaneidade, filha das três grandes correntes políticas nascidas entre os séculos XVIII e XIX – o Conservadorismo, o Liberalismo e o Socialismo –, bem como de suas contradições internas e relações dialéticas com o meio externo, fala-se de um suposto avanço da chamada direita conservadora: nesse ínterim, vale a pena, não só para este trabalho, mas para nosso próprio contexto, compreendermos como nasce e quais são as características do chamado pensamento político conservador. Assim, a seguir procuramos fornecer um breve panorama histórico-filosófico do mesmo.

Para começar, é necessário dizer que o Conservadorismo, conforme o conhecemos filosoficamente – diferentemente do que possa apontar o senso comum –, não deriva de outra tradição que não o Ceticismo, sobretudo a partir da figura de David Hume (1711-1776): será em algumas de suas obras tais como, *Tratado da Natureza Humana* (1738) e *Tratado do Entendimento Humano* (1748) que aparecerão as evidências de seu empirismo político, ou seja, de seu reformismo conservador⁸. Contudo, será a partir de um contemporâneo seu, Edmund Burke (1729-1797), que o Conservadorismo ganhará forma mais definida, e isso graças às reflexões deste autor acerca da Revolução Francesa e suas conclusões acerca de como a política britânica não deveria seguir de sua vizinha continental na sua obra *Reflexões sobre a revolução na França* (1790): nesse sentido o autor aponta que a Inglaterra deveria se guiar através dos preconceitos, base de sua tradição, e

⁷ OAKESHOTT, M. On being conservative. *In*: _____. *Rationalism in Politics and other essays*. Liberty Fund: Indianapolis, 1991, p. 407-37, p. 408. No original: “To be conservative, then, is to prefer the familiar to the unknown, to prefer the tried to the untried, fact to mystery, the actual to the possible, the limited to the unbounded, the near to the distant, the sufficient to the superabundant, the convenient to the perfect, present laughter to Utopian bliss. Familiar relationships and loyalties will be preferred to the allure of more profitable attachments; to acquire and to enlarge will be less important than to keep, to cultivate and to enjoy; the grief of loss will be more acute than the excitement of novelty or promise.” (tradução nossa).

⁸ KUNTZ, R. Hume: a teoria social como sistema. *Kriterion*, Belo Horizonte, n. 124, dez., p. 457-490. 2011, p. 485-89.

ir se alterando aos poucos ao invés de irromper em grandes transformações advindas de nada além de sonhos⁹.

Quanto à sua história e historiografia, percebe-se que o Conservadorismo, pondo em cheque a capacidade da razão em interpretar o presente e nos guiar ao futuro, dá maior voz à experiência dos povos no próprio presente, bem como ao estudo das experiências acumuladas no passado, ou seja, da tradição¹⁰. Dessa maneira, o conservadorismo histórico, que, sem dúvidas, se desdobra no presente em ação política, compreende que a fim de entender a realidade social deve-se eleger a história enquanto possibilidade de abordagem científica, pois

Não podemos saber onde estamos e muito menos para onde vamos se não soubermos onde estivemos. Esta é a posição basilar da filosofia conservadora. Quando Newman decidiu responder às críticas modernistas, apresentou o seu caso historicamente em *Development of Christian Doctrine*, demonstrando como a teologia católica corrente é um produto histórico de um passado que recua até à Cristandade apostólica. Se o passado era vital, então deveria ser investigado meticulosamente. Daí o famoso pedido de Ranke a todos os historiadores para recuperarem o passado *wie es eigentlich gewesen ist*, exatamente como ele na verdade aconteceu. Nesta máxima Ranke criticava não só o tratamento romântico e subjectivo do passado, mas também e ainda mais categoricamente as <<histórias naturais>> do século XVIII e a <<evolução progressista>> de pré-socialistas como Saint-Simon e Comte.¹¹

Dessa maneira, o pensamento conservador une em si duas interessantes características: o apego ao empírico, ao perceptível, ou, em outras palavras, ao material que cerca nossas existências, ao mesmo tempo em que combate o idealismo e a agressividade do romantismo, seja ele de tendências revolucionárias ou não. Passando do século XVIII ao XX – com as contribuições de Michael Oakeshott (1901-1990) – à nossa contemporaneidade, pode-se citar como maior voz do conservadorismo contemporâneo intelectual britânico *sir* Roger Scruton (1944-), autor de *The Meaning of Conservatism* (1980), além do recente *How to be a Conservative* (2014). No fim, percebe-se que o pensamento dito conservador mostra-se uma linha de interpretação salutar à compreensão da contemporaneidade em sua complexidade que, ademais as polêmicas atuações de alguns de seus supostos representantes, merece ser estudada, compreendida e, mesmo, criticada de forma séria e atenciosa.

⁹ CASSIMIRO, P. As Origens Ambivalentes do Conservadorismo. O lugar de Edmund Burke na História do Pensamento Político. *Leviathan: Cadernos de Pesquisa Política*. n. 11, p. 56-87. 2015, p. 82.

¹⁰ NISBERT, R. *O Conservadorismo*. Lisboa: Editorial Estampa, 1987, p. 48.

¹¹ *Ibidem*, p. 51-52.

Nietzsche: um conservador que mirava o futuro?

Friedrich Wilhelm Nietzsche nasceu em 15 de outubro de 1844 na cidade de Röcken. Filho de pais protestantes, Nietzsche almeja, quando pequeno, se tornar pastor. Filólogo de formação, Nietzsche se interessa pelos textos clássicos da Grécia Antiga, compondo trabalhos memoráveis sobre o assunto, como é o caso de *Introdução à Tragédia de Sófocles* (1870). Ao estudar Filologia na Universidade de Leipzig, Nietzsche se depara, num certo momento, com a obra *O Mundo como Vontade e como Representação* (1819); é a partir daí que seus interesses se voltam à Filosofia. A partir das considerações de Schopenhauer, Nietzsche cria uma filosofia baseada na crítica às concepções metafísicas e ao Idealismo, características da Filosofia de seu século, propondo, ao invés do segundo o método da genealogia dos valores. Depois de publicar *O Nascimento da Tragédia: helenismo e pessimismo* (1872), errante pelo sul da Europa, Nietzsche passa a buscar um local que lhe ajudasse a suportar as doenças que atrapalhavam sua respiração, sua digestão e sua visão. Em suas andanças, Nietzsche desenvolve as suas principais ideias: a “Vontade de Poder”, a “Morte de Deus”, o “Super-Homem” e o “Eterno-Retorno-do-Mesmo”. Nietzsche não foi bem recebido em sua época. Quem quer que o lesse parecia não entender-lhe. Foi no início de 1889, pouco depois de Nietzsche sucumbir às doenças e perder a sanidade, que sua filosofia foi, aos poucos, valorizada: primeiro na Dinamarca, depois na França. Nietzsche morreu em 25 de agosto de 1900, em Weimar¹².

Seria estranho imaginar que o filósofo responsável pela desconstrução do pensamento metafísico oitocentista e pela ascensão do pensamento contemporâneo do século XX, alguém que foi tão radical em termos teóricos, seja também um conservador? Talvez estranhamentos possam cair por terra caso se perceba que o conservadorismo de Nietzsche, embora obviamente ligado conceitualmente ao *English Conservatism*, se sustenta a partir de diferentes mecanismos e com diferentes fins. Para que se perceba isso, vejamos, primeira e brevemente, sinais do que Nietzsche rejeita em sua filosofia política.

Num aforismo intitulado *Crítica da Modernidade*, Nietzsche expõe o seguinte:

Nossas instituições nada mais valem: acerca disso há unanimidade. O problema não está ligado a ela, mas a nós. O democratismo sempre foi a forma de declínio da força organizadora [...]. [...] Para que haja instituições, é preciso haver uma espécie de vontade, de instinto, de imperativo, antiliberal até a malvadeza: a vontade de autoridade, de tradição, de responsabilidade por séculos adiante, de *solidariedade* entre cadeias de gerações, para frente e para trás *in infinitum*.¹³

¹² COPLESTON, F. A Vida de Nietzsche. In: _____. *Nietzsche: filósofo da cultura*. Livraria Tavares Martins: Porto, 1979, p. 2-52.

¹³ NIETZSCHE, F. *Crepúsculo dos ídolos, ou como se filosofa com o martelo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 89, grifos do autor.

Destaquemos nesse aforismo as expressões “vontade de tradição” e “instinto antiliberal”, juntamente com sua crítica aos modernos devido à falta de habilidade dos mesmos em construir instituições, o que nos aponta um caminho que, desviando das teses liberais burguesas oitocentistas, visa ao conservadorismo tradicional¹⁴.

No que se refere ao Socialismo, atentemo-nos ao que é dito por Nietzsche: “[...] Somente no seio da tradição, dos costumes estabelecidos e da limitação é que há bem-estar no mundo; os socialistas estão aliados a todos os poderes que destroem a tradição, os costumes e a limitação; novas capacidades constitutivas ainda não são visíveis neles”¹⁵.

Nesse sentido, Nietzsche indica a tradição novamente como algo positivo, porém, dessa vez, apontando-a como a principal responsável pela sensação de bem-estar nos indivíduos. Nesse sentido, os socialistas, de forma tão niilista quanto os cristãos ou os pessimistas ascéticos, estariam colaborando para a insanidade dos povos com suas alterações de caráter revolucionário¹⁶.

Dito tudo isso, vejamos o que Nietzsche tem a dizer acerca da sociedade aristocrática e do aristocratismo:

Toda nova elevação do tipo "homem" foi até aqui obra de uma sociedade aristocrática – e sempre será assim, isto é, será sempre inegavelmente devida a uma sociedade que tem fé na necessidade de uma grande escala hierárquica e de uma profunda diferenciação de valor de homem a homem e que para chegar à sua finalidade não saberia fazer menos que escravizar sob uma forma ou outra. Sem o "pathos" da distância que nasce de decisiva diferença de classe, do constante olhar ao redor de si e sob si das classes dominantes sobre pessoas e instrumentos, e de seu constante exercício no obedecer e no comandar, em manter os outros oprimidos e distantes, não seria nem mesmo possível o outro misterioso "pathos", o desejo de sempre novas expansões das distâncias entre a própria alma, o desenvolvimento de estados sempre mais elevados, mais variados, distantes. maiores. tendentes a alturas ignotas, logo à elevação do tipo "homem", o incessante triunfo do homem sobre si mesmo para adotar em sentido supermoral uma fórmula moral.¹⁷

Dessa forma, diferentemente do conservadorismo inglês que pretendia servir, historicamente, a um parlamentarismo, o conservadorismo em Nietzsche, enquanto pensamento político, já aponta para outra possibilidade de governo, a aristocracia. Contudo, se pensássemos que isso resume e finaliza a questão, estaríamos enganados, pois, em verdade, o aristocratismo e a vontade de tradição, em Nietzsche, não se relacionam, como veremos a seguir, à vontade de conservação.

¹⁴ MARTON, S. *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 136.

¹⁵ NIETZSCHE, F. *Sabedoria para depois de amanhã*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 75.

¹⁶ SILVA, E. B. M. M. O além do homem de Nietzsche: uma ponte para quem? *Revista arma da crítica*, n. 10, out. p. 71-87. 2018. Disponível em: <<http://www.armadacritica.ufc.br/phocadownload/5%20%20o%20alem%20do%20homem%20de%20nietzsch e.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2019, p. 80-2.

¹⁷ NIETZSCHE, F. _____. Para além do bem e do mal, ou prelúdio a uma filosofia do futuro. Curitiba: Hemus, 2001, p. 193.

Antes de afirmar que o instinto de conservação é o instinto motor do ser orgânico, dever-se-ia refletir. O ser vivo necessita e deseja antes de mais nada e acima de todas as coisas dar liberdade de ação à sua força, ao seu potencial. A própria vida é vontade de potência. O instinto de conservação vem a ser uma consequência indireta, e em todo caso, das mais frequentes.¹⁸

Como visto na citação acima, tradição e conservação não se ligam no conservadorismo nietzschiano: para nosso alemão, a vontade de tradição não deve ser confundida com o instinto de autopreservação. Podemos supor que seja assim por dois motivos: 1) seguindo o esquema proposto n' *A Genealogia da Moral*, a tradição vem dos "nobres" e deve ser seguida pelos "escravos", além disso, 2) não pode haver superação de si – instinto natural do homem superior selecionado pela aristocracia – caso não haja sofrimento fisiológico, o que é em si mesmo uma contraposição ao instinto de autopreservação.

Acreditamos, também, que mais do conservadorismo nietzschiano pode ser esclarecido, caso prestemos um olhar a algumas de suas influências filosóficas, como Hobbes e Maquiavel. No caso de Maquiavel, a relação parece se dar graças à consciência, comum em ambos, de que haveria uma noção trágica da existência, que, por meio de uma mediação com a cosmologia, deveria dar voz a uma política da aristocracia¹⁹; já com Hobbes o caso se dá através da concordância em ambos autores acerca da necessidade da construção de um estado forte, que em Hobbes deve ser feito para além do povo e que, em Nietzsche, só pode ser feito mediante a consciência e a aprovação do povo, através do instinto e da tradição corretas²⁰.

Apresentamos em seguida, o trecho do aforismo 260 do nono livro de *Além do bem e do mal* a ser aqui analisado:

"Nós verdadeiros" – eis o nome pelo qual se chamavam os nobres da Grécia Antiga. É claro que as indicações dos valores morais foram inicialmente aplicadas aos homens e apenas por derivação às ações humanas, pelo que cometem um erro grosseiro aqueles historiadores – moralistas, que partem de certas interrogações como, por exemplo: "por que o ato piedoso foi louvado?" A espécie aristocrática do homem sente a si mesma como determinadora dos valores, não sente necessidade de ser aprovada, louvada, julga: [...] aquilo que prejudica a mim, é nocivo por si mesmo", sente-se como atribuidora de valor às coisas, criadora de valores. Valora tudo aquilo que conhece de si mesma, é a moral da exaltação de si mesma. Predominam, transbordantes, os sentimentos de prosperidade, de potência, de felicidade, a felicidade da alta tensão, a consciência de uma riqueza que quer atingir as culminâncias e doar-se, – também o homem aristocrático socorre quem é desafortunado, mas não, ou pelo menos não sempre, por compaixão, antes, por um estímulo que lhe vem de seu excesso de potência. O

¹⁸ Ibidem, p. 23.

¹⁹ COSTA, J. G. C. *Maquiavel e o trágico*. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2010, p. 186.

²⁰ CAVALCANTI, A. H. Arte da experimentação: política, cultura e natureza no primeiro Nietzsche. *Trans/Form/Ação*, São Paulo, n. 30, sup. 2, p. 115-133. 2007, p. 118-23.

homem aristocrático respeita em si mesmo o potente, como aquele que tem poder mesmo sobre si mesmo, que sabe falar e sabe calar, que sente prazer em ser rigoroso consigo mesmo e respeita todos os rigores. "Wotan colocou em seu peito um coração duro, assim se lê numa antiga saga escandinava, palavras saídas da alma de um soberbo viking.

Homens de tal espécie estão longe de desconhecer a compaixão! O herói da saga acrescenta: "Quem em jovem não teve o coração duro, jamais o terá como tal!" Homens aristocráticos e valorosos que pensavam desta forma são os mais distantes daquela moral que vê precisamente na compaixão ou no apiedar-se pelos outros, no *désintéressement*, o distinto na moral; a fé em si mesmo, o orgulho de si mesmo, uma aversão ingênita e irônica pelo altruísmo caracteriza a moral aristocrática ao mesmo tempo que um leve desprezo por todo sentimentalismo.

Os poderosos são aqueles que sabem respeitar, esta é sua arte, sua prerrogativa. A profunda veneração pela velhice e pela tradição – todo direito se baseia nesta dupla veneração, – a fé e o preconceito em favor dos antepassados e o ódio aos de origem plebéia são fatores típicos na moral dos potentes; os homens das "idéias modernas" que acreditam quase instintivamente no "progresso" e no "futuro" e vão cada vez mais perdendo o respeito pela idade, traem com isso, de modo suficiente, a vulgaridade da origem de suas "idéias". Mas, antes de mais nada, parece estranha e adversa a moral dos dominantes para o gosto moderno pelo rigor de suas teses fundamentais, que não haja senão inter pares; que relativamente aos seres inferiores, contra tudo aquilo que é estrangeiro, sempre se possa agir segundo o próprio beneplácito ou como "inspira o coração", e em todos os casos "além dos confins do bem e do mal" – assim também a compaixão. A atitude e a obrigação a um durável reconhecimento, a uma vingança longamente incubada – entre os iguais, bem entendido – o refinamento no vingar-se, a delicadeza do conceito de amizade, a necessidade de ter inimigos (como desaforo para os sentimentos de inveja, do desejo de litigar, de arrogância, mas no fundo para poder ser bom amigo) – todas essas coisas são características da moral aristocrática, a qual, como já foi indicado, não é a moral das "idéias modernas" e por isso, na atualidade, dificilmente se poderá sentir segundo a mesma e ainda desenterrá-la e descobri-la. – Mas é uma coisa muito diferente, o segundo tipo de moral, a moral dos escravos. Suponhamos que os violentados, os oprimidos, os sofrendores, os escravos, os descontentes consigo mesmos, os enfraquecidos se ponham a moralizar o que será equivalente a suas valorações morais?²¹

O aforismo começa abordando, no primeiro parágrafo do trecho selecionado, o perfil do homem grego aristocrático, bem como o suposto erro histórico de considerar a misericórdia como atos inerentes ao aristocratismo. No segundo parágrafo, o filósofo segue, expondo como oposição à moral aristocrática toda sorte de ascetismo e sentimentalismo. No terceiro parágrafo, apontando o egoísmo como atributo básico do homem aristocrático, Nietzsche segue abordando acerca da composição do poder dos aristocratas, ou seja, daquilo em que se basearia sua liderança, sua capacidade de subjugar os outros: sobre isso, Nietzsche aponta a existência de "profunda veneração pela velhice e pela tradição", que, juntamente a uma "fé e o preconceito em favor dos antepassados e o ódio aos de origem plebéia" podem ser apontados como as bases para seu conservadorismo.

Contudo, apenas dizer isso pode soar – e certamente soará – ahistórico, pois estaríamos desvalorizando uma grande variedade de questionar os motivos pelos quais Nietzsche escolhe delinear seu conservadorismo dessa forma. Se nos guiarmos através de

²¹ NIETZSCHE, F. _____. Para além do bem e do mal, ou prelúdio a uma filosofia do futuro. Curitiba: Hemus, 2001, p. 197-99.

Machado e Barreiros²², veremos que muito do pensamento de Nietzsche foi influenciado pela chamada filosofia pré-socrática; muitas de suas ideias e críticas são inspiradas em temas de Heráclito e de outros filósofos dos tempos pré-platônicos, nos quais a estética e a metáfora discursiva eram preferíveis à fria e infértil verdade. Sendo assim, poderíamos nos valer de sua afiliação com os gregos antigos a fim de compreendermos seu conservadorismo? Alguns estudiosos contemporâneos, sobretudo o português Victor Gonçalves, diriam que sim: segundo o pesquisador lusitano,

Ao longo de toda a sua vida, Nietzsche, qual figura de Janus, alimentará o retorno à Grécia Antiga e ao Renascimento – a outra época sagrada – para a partir delas definir novas possibilidades de existência. O conservadorismo nietzscheano não se traduz num regresso sem volta ao passado, como o seu experimentalismo não é uma aposta cega na originalidade. Algo que pode ser resumido pela renovada poética do tempo inscrita na “doutrina do eterno retorno do mesmo”.²³

Dessa forma, podemos perceber que o conservadorismo nietzschiano, buscando a tradição, a fim de educar os pequenos homens – escravos –, ao mesmo tempo em que eleva o homem ideal através do aristocratismo – nobres –, faz isso baseando-se no seu aprendizado acerca dos helenos durante seus estudos em filologia antiga. Ao mesmo tempo, nosso filósofo retorna a essa cultura antiquíssima, não sem modernizá-la, trazendo, já de sua autoria, as ideias de Além-do-homem e Eterno-Retorno, o que sem modificar nenhum dos dois pensamentos, o grego e o nietzschiano, os fortalece mutuamente.

Considerações Finais

Argumentamos nesse trabalho em favor de uma leitura que identifique e historicize o conservadorismo de Friedrich Nietzsche.

Inicialmente, trilhamos um percurso intelectual histórico-filosófico do pensamento conservador, nos baseando, inicialmente, na tradição cética britânica, passando, posteriormente, ao pensamento de Burke, Oakeshott e ao contemporâneo Scruton.

Após isso, iniciamos o caminho através da obra nietzschiana apontando o possível estranho que alguns podem sentir ao imaginar que o filósofo que desconstruiu o pensamento oitocentista era também um conservador, como outros de seu próprio tempo.

Historicizando-o, percebemos como Nietzsche ressignifica o conservadorismo através de uma análise que se iniciou com a investigação de suas disposições acerca de

²² MACHADO, A. B.; BARREIROS, M. M. S. Uma leitura do feminino na Odisseia: o caso de Penélope e o perfil da mulher helênica pré-socrática [no prelo]. *Revista de História* – Universidade Federal da Bahia, Salvador, v. 7, n. 1-2, 2019.

²³ GONÇALVES, V. Nietzsche: antimoderno, pós-moderno, moderno. *Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche*, v. 6, n. 2, p. 29-47, 2013, p. 33.

algumas questões de ordem políticas, que prosseguiu a uma análise do aforismo 260 do livro nono de *Para além do bem e do mal*.

No fim, percebemos que Nietzsche é, sim, um pensador de tendências conservadoras, posto que valoriza a tradição no meio social e político. Contudo, diferentemente dos britânicos, desvaloriza o conservadorismo de tendências democráticas, preferindo a esse modelo o aristocratismo, ou seja, um governo de nobres a um governo de plebeus: retomando o já dito, isso pode ser ligado às suas noções de moral de nobre e moral de escravos, conforme o mesmo deixara registrado já em sua *Genealogia da moral: uma polêmica* (1887).

Tudo isso, enfim, liga-se, em Nietzsche, não a uma noção de governo totalitário, como queriam alegar os nazistas, mas, sim, a um governo aristocrático, conforme os moldes gregos antigos: nesse sentido, o que Nietzsche parece desejar é uma modernização dos modelos helênicos antiquíssimos. Olhando o cosmos como um todo fechado regido pelo Eterno-Retorno-do-Mesmo – ou seja, por um tempo cíclico, no qual cada instante é apenas a diferente aparência do mesmo instante anterior –, a vida humana enquanto essencialmente trágica, e os antigos enquanto portadores máximos dessa mesma sabedoria trágica, deveríamos, então, segundo Nietzsche, os contemplar, em seus valores, para então nos imaginar e nos construir enquanto sociedade moderna; ao invés de destruir o que criamos em termos de identidade greco-romana, deveríamos ressignificá-la em nosso tempo.

A produção de Nietzsche é extremamente complexa. Esta pesquisa não representa um ponto final. Pelo contrário: ela é mais um ponto dentro da longa discussão em torno deste pensador tão importante à contemporaneidade.

Dessa forma, chegamos ao fim desta pesquisa, apontando que ela poderá, no futuro, se expandir para investigar outras áreas da política nietzschiana, tais como sua relação com o Liberalismo, suas questões em torno do gênero feminino, além de outras questões necessárias para o clareamento desta específica área de seu pensamento.

Da mesma forma, esta pesquisa pode se expandir para elucidar outras partes do pensamento nietzschiano, sendo utilizada como base para a análise de aspectos ainda pouco investigadas de sua filosofia, tais como sua poesia – como já está a investigar este mesmo autor –, sua música e, também, seus textos técnicos anteriores ao período de produção filosófica.